

**3. Tableau contrastif entre la première des *Lettres d'une chanoinesse de Lisbonne à Melcour* de Dorat et deux traductions de Bocage : «Eufrazia a Ramiro »**

<b>Lettre première (L.R.P. : 91-102)</b>	<b>Eufrásia a Ramiro<sup>1</sup></b>	<b>Eufrásia a Ramiro (H.C. III: 294-299)~</b>
<p>1. Tu l'emportes enfin ! c'en est fait, cher Melcour,                  2. Je n'ai plus de remords, je suis tout à l'amour.                  3. Je me livre à sa flamme et marche à sa lumière                  4. La raison ne vaut pas le flambeau qui m'éclaire.                  5. La sécurité douce a passé dans mon cœur ;                  6. Peut-on être coupable avec tant de bonheur ?                  7. Non, je ne la suis point ; le crime d'une amante                  8. Est d'aimer faiblement, ou bien d'être inconstante ;                  9. Je t'aime pour toujours, je m'abandonne à toi ;                  10. Il n'est plus désormais d'autres gloires pour moi.                  11. Crédule, je pensais, dans un calme pénible,                  12. Que l'honneur consistait à n'être point sensible :                  13. Tu m'as bien détournée, un rayon précieux,                  14. Pour rassurer mon âme est parti de tes yeux :                  15. Pardonne-moi ces pleurs que m'arrachait la crainte,                  16. Ces froids embrassements que glaçait la contrainte,</p> <p>17. Et ces tristes regrets, et ces lâches soupirs                  18. Qui m'échappaient encore dans le sein des plaisirs.                  19. Aux transports d'un amant quand on cède à mon âge,                  20. Il est permis, je crois, de manquer de courage.                  21. C'est un instinct charmant, un invincible attrait,</p>	<p>Adorado Ramiro, enfim triunfas !                  Meu remorso expirou, de amor sou toda ;                  De seu facho o fulgor meus passos guia.</p> <p>Quem pode, sendo réu, ser tão ditoso ?                  Criminosa não sou : do amante o crime                  Está no pouco amor, ou na inconstância.                  Para sempre te adoro, a ti me entrego...                  Outro bem para mim não há no mundo,                  Num sossego enfadonho ; errada eu cria                  Que era imortal brasão ser insensível.                  Tu me desenganaste, um brando raio,                  Solto dos olhos teus, brilha em minha alma.                  Perdoa, caro amante, ao susto, ao pranto,                  Aos tímidos abraços, que afrouxava                  Dum dever inventado a turva ideia :                  Perdoa, àqueles ais, que me voavam                  Do seio do prazer. Na flor dos anos                  Não é lícito o medo, em quem sucumbe                  Aos transportes de amor, às leis do amante ?                  Este suave instinto irresistível</p>	<p>Adorado Ramiro, enfim triunfas !                  Meu remorso expirou, de amor sou toda ;                  De seu facho o fulgor meus passos guia ;                  O farol da Razão dá luz mais frouxa.                  Repousa a doce paz dentro em meu peito :                  Quem pode, sendo réu, ser tão ditoso ?                  Criminosa não sou : do amante o crime                  Está no pouco amor, ou na inconstância.                  Para sempre te adoro, a ti me entrego                  Outro bem para mim não há no mundo,                  Nem sossego enfadonho ; errada eu cria                  Que era imortal brasão ser insensível :                  Tu me desenganaste ; um brando raio                  Solto dos olhos teus, brilha em minha alma.                  Perdoa, caro amante, ao susto, ao pranto,                  Aos tímidos abraços, que afrouxava                  Dum dever inventado a turva ideia :                  Perdoa àqueles ais, que me voavam                  Do seio do prazer ; na flor dos anos                  Não é lícito o medo, em quem sucumbe                  Aos transportes de amor, às leis do amante ?                  Este suave instinto irresistível</p>

1 ( 17-- ) «Carta de Eufrazia de Ramiro» seguida da «Carta de Elmano a Anfriza» : *epístolas em decassílabo branco, sendo a primeira traduzida e a segunda original* (s.l.) (s.n.) (CCCG, LIF 461), p. 1-12.

<p>22. Qui se change en frayeur dès qu'il est satisfait.  23. Ces désirs inconnus, leur trouble, leur puissance,    24. Les fâcheuses leçons qui berçaient notre enfance,  25. L'excès des plaisirs même épouvantent nos sens ;  26. Plus ils sont vifs, et moins on les croit innocents ;  27. Mais lorsque l'on commence à juger, à connaître,    28. A chérir un penchant que le Ciel a fait naître,  29. Lorsque ce doux penchant, accru, développé    30. S'empare enfin d'un cœur que l'on avait trompé,  31. Alors plus de combats, on bénit sa faiblesse,    32. On ne verse de pleurs que ceux de la tendresse ;  33. Et l'on craint même alors, facile à s'alarmer,  34. De n'aimer pas assez ce qu'on craignait d'aimer,  35. Sainte religion, qui tonnez sur les crimes,    36. Des sentiments si vrais sont-ils illégitimes ?  37. J'ai beau vous implorer, me jeter dans vos bras,  38. Vous effrayez mon cœur et ne le changez pas.  39. J'adore mon amant : cette âme fortunée  40. Qu'il vous faut asservir, à Melcour s'est donnée ;  41. Jusqu'au pied des autels, je l'entends, je le vois,  42. Il me parle, il me presse, il réclame ses droits,  43. Il est toujours vainqueur...Il obtient par ses grâces  44. Ce que ne peut, hélas ! l'effroi de vos menaces,  45. Si je semble essayer des efforts superflus,  46. C'est pour lui ménager un triomphe de plus.  47. D'où vient qu'incessamment votre pouvoir céleste</p>	<p>Converte-se em terror mal que se farta.  Estes prontos e incógnitos desejos,  Seu poder, seu vigor, seu alvoroço,  Perdem subitamente na lembrança  Das molestas lições, com que na infância  Se vai torcendo o passo à natureza.  O mesmo, o mesmo excesso dos prazeres  Nos enche de pavor : quanto mais vivos,  Então mais criminosos nos parecem.  Mas apenas o espírito começa  A conhecer o amor, e a avaliá-lo;  Apenas principia a comprazer-se  Na terna propensão que os céus criaram;  Apenas este amável sentimento  Rebenta, cresce, lavra, e se apodera  Das almas, que iludira a voz do engano;  Eis cessa dos remorsos o debate!  Eis nos apraza a lânguida saudade ;  Só da ternura as lágrimas vertemos  Temendo que não seja assás ardente  A paixão, que até ali nos assustava.  Santa Religião, que trovejando  Espalhas o terror sobre os delitos;  Transportes naturais, ingénuos, doces,  Opõem-se às tuas leis ? Por mais que imploro  Teu favor, tudo é vão, tudo é baldado :  Tu (sem a converter) minha alma assombras!  Suspiro e, a pesar teu: Ramiro adoro.  Deu-se a Ramiro o coração, que exiges.  Até quando do altar, o escuto, o vejo :  Fala-me, insta, convence, arde, e me inflama ;  Podem seus olhos, podem suas graças  O que ameaços teus em mim não podem.  Se inútil resistência às vezes tenho,  É por dar ao meu bem mais um triunfo:  Porque, se em disputar-lhe os meus afectos</p>	<p>Se converte em temor, antes da posse :  Estes prontos e incógnitos desejos,  Se as paixões se vigoram, alvoroçam    As molestas lições, com que na infância  Se vai torcendo o passo à natureza ;  O mesmo, o mesmo excesso dos prazeres  Nos enche de pavor : quanto mais vivos  Então mais criminosos nos parecem :  Mas apenas o espírito começa  A conhecer o amor, e a julgar dele ;  Apenas principia a comprazer-se  Na terna propensão que os céus criaram;  Apenas este amável sentimento  Rebenta, cresce lavra e se apodera  Das almas, que iludira a voz do Engano.  Eis cessa dos remorsos o debate,  Eis nos apraza a lânguida saudade ;  Só da ternura as lágrimas vertemos  Temendo que não seja muito ardente  A paixão, que até ali nos assustava.  Santa Religião, que trovejando  Espalhas o terror sobre os delitos !  Transportes naturais, ingénuos, doces,  Opõem-se às tuas leis ?...Por mais que imploro  Teu favor, tudo é vão, tudo é baldado :  Tu, sem a converter, minha alma assombras ;  Suspiro e, a pesar teu, Ramiro adoro.  Deu-se a Ramiro o coração que exiges ;  Até junto do altar, o escuto, o vejo :  Fala-me, insta comigo, arde, e me inflama ;  Podem seus olhos, podem suas graças  O que ameaços teus em mim não podem.  Se inútil resistência às vezes tenho,  É por dar ao meu bem mais um triunfo ;  Porque, se em disputar-lhe os meus afectos</p>
---	---	---

<p>48. Lui dispute mon cœur, et que mon cœur lui reste ?  49. Donnez donc à ce cœur que lui seul peut remplir,  50. Ou la force de vaincre, ou le droit de faillir.  51. L'être qui fait aimer pardonne à la tendresse :  52. De n'être pas sensible ai-je été la maîtresse ?  53. Suis-je libre, Melcour ? Hélas ! faible instrument,  54. Au Dieu qui me forma j'obéis en aimant ;  55. Lui seul me détermine, et j'en crois sa justice ;  56. Voudrait-il sous mes pas ouvrir un précipice ?</p> <p>57. Voudrait-il, pour avoir le droit de me punir,  58. Me conseiller d'aimer ce que je dois trahir ?  59. Non, non : dès que mon œil eut rencontré ta vue,</p> <p>60. Je sentis tout à coup une joie inconnue ;</p> <p>61. Je sentis qu'un pouvoir, bien au-dessus du mien,  62. Disposait de mon cœur emporté vers le tien.</p> <p>63. Ce pouvoir, mes transports, va, tout fut légitime ;</p> <p>64. Tant de plaisir jamais n'accompagne le crime ;  65. Et, pour mieux triompher, mon amour combattu  66. A pris enfin, Melcour, les traits de la vertu.</p> <p>67. Combien je suis heureuse, et que j'aime à le dire !</p> <p>68. Vante-toi, tu le peux, de ton charmant empire :  69. Amant le plus chéri des amants fortunés,  70. Use de tous les droits que l'amour t'a donnés,  71. Dans quel néant vivais-je avant de te connaître !</p> <p>72. Au sein d'une langueur, criminelle peut-être  73. Sans plaisirs, sans tourments, je sommeillais toujours ;</p>	<p>Lidas sempre, a vitória é sempre sua.  Dá pois ao coração (que ele domina)  Força para vencer; ou jus ao crime.  O Ente, que a amar induz a Amor perdoa.  Era no arbítrio meu não ser sensível ?  Porventura eu sou livre ? Ah ! Que ao Supremo  Nume adorável obedeço amando.</p> <p>Ele, que move esta alma, ele abriria  Debaixo de meus pés medonho abismo?  Por ter o atroz direito de punir-me,  Dir-me-ia ao coração que amasse o mesmo  Que devo aborrecer ? Não, não, que apenas  Meus olhos se encontraram com seus olhos,  Desusada alegria, antes celeste,  De fibra em fibra salteou meu peito :  Um poder, superior às forças minhas,  Senti, que o coração me arrebatava  Para o ligar ao teu, ao teu que adoro.  Este poder sagrado, estes transportes...  Tudo veio do Céu, tudo foi justo:  Nunca tanto poder se uniu ao crime.  Até, para lograr maior triunfo,  Meu disputado amor tem contraído  As feições, o carácter da virtude.  Quão feliz sou, e com que glória o digo !  Amante, o mais amante, o mais amável  De quantos em ternura o peito inflamam  Tudo veio do Céu, tudo foi justo:  Alardeia, que podes, alardeia  Do encontro dos teus olhos; usa embora  De todo o jus, que Amor te deu comigo.  Agora, agora sei que antes de olhar-te  Era a minha existência igual ao nada:</p> <p>Sem pena, e sem prazer até ali jazia:</p>	<p>Lida sempre, a vitória é sempre sua.  Dá pois ao coração, que ele domina,  Força para vencer, ou jus ao crime.  O ente, que a amar induz, o amor perdoa.  Era no arbítrio meu não ser sensível ?  Porventura eu sou livre ? Ah ! Que ao supremo  Nume adorável obedeço amando :  Sua eterna Justiça, eu acredito.  Ele, que move esta alma, ele abriria  Debaixo de meus pés medonho abismo,  Por ter o atroz direito de punir-me ?  Dir-me-ia ao coração, que amasse o mesmo  Que devo aborrecer ?...Não, não, que apenas  Meus olhos se encontraram com teus olhos,  Desusada alegria, antes celeste,  De fibra em fibra salteou meu peito :  Um poder, superior às forças minhas,  Senti, que o coração me arrebatava  Para o ligar ao teu, ao teu que adoro !  Este prazer sagrado, os meus transportes...</p> <p>Nunca tanto prazer se uniu ao crime !  Até, para lograr maior triunfo,  Meu disputado amor tem contraído  As feições, o carácter da virtude.  Quão feliz sou, e com que glória o digo !...  Amante, o mais amante, o mais amável  De quantos em ternura o peito inflamam  Tudo veio do Céu, tudo foi justo:  Alardeia, que podes, alardeia  Do encanto dos teus olhos; usa embora  De todo o jus, que Amor te deu comigo.  Agora, agora sei que antes de olhar-te  Era a minha existência igual à tua;  Em languidez oposta à natureza  Sem pena, sem prazer até ali jazia.</p>
---	--	--

<p>74. J'ignorais la vitesse et l'emploi des beaux jours ;</p> <p>75. En d'inutiles soins, je consumais ma vie, 76. Les plus sacrés devoirs me trouvaient engourdie ; 77. Comme un maître effrayant, Dieu se montrait à moi ;</p> <p>78. Et ma religion n'était que de l'effroi. 79. J'aime !quel changement !...J'existe avec délice ; 80. Il n'est rien à mes yeux que Melcour n'embélisse.</p> <p>81. L'aube, en reparaissant, éveille mes désirs, 82. La nuit apporte un voile inutile à nos plaisirs.</p> <p>83. Dans les jours de printemps, je vois sous la verdure 84. Cent abris pour nous deux, offerts par la nature ;</p> <p>85. Je renaiss, et j'habite un univers charmant, 86. Décoré par l'Amour, créé par mon amant,</p> <p>87. Que dis -je ! mes devoirs me semblent moins austères ; 88. Mon joux devient plus doux, mes chaînes plus légères 89. Dieux ne me paraît plus un despote irrité, 90. Et, depuis mon amour, je crois à sa bonté.</p> <p>91. Combien je dois chérir cette aimable mortelle 92. Qui préside en ces lieux confiés à son zèle !</p> <p>93. Elle a pour moi du cloître aplani les horreurs, 94. Et, sans les soupçonner, protégé nos ardeurs ; 95. Récompensant en moi le désir de lui plaire,</p> <p>96. Elle m'a prodigué des caresses de mère. 97. C'est elle dont le soin, propice à notre amour</p>	<p>O emprego, a rapidez da mocidade Eu ignorava, e consumia a vida Em cuidados inúteis; os deveres Mas sacros, sem fervor executava: Como um duro senhor, como um tirano, O Eterno aparecia à minha ideia, Sacudindo o trovão, brandindo o raio: Minha religião só era o medo. .....Eu amo, que mudança, que deleite Doira meus puros, meus serenos dias! Ramiro a quanto vejo aformoseia: Quando luz no horizonte a fresca aurora Acordam meus desejos amorosos; E quando pelos Céus se estende a noite, Eis véu, que é tão útil aos amores. Nos traz um véu, que é útil aos amores. Nos tempos da aprazível Primavera Recônditos abrigos nos oferece Benéfica, e risonha, a natureza. Sinto-me renascer, e habito um mundo Brilhante, encantador, de que és o adorno Amor, que é obra tua. Oh! doce amante! Que digo?...Menos ásperos e austeros Acho os deveres meus, acho o meu jugo Mais brando e não me pesam tanto os ferros. Deus um feroz despótico, e enraivado Me não parece já, depois que te amo.     Quanto devo prezar a ilustre amiga, A benigna matrona, em quem reside Destes vedados muros o domínio ? Ela, em obséquio meu, o horror lhe adoça. Propícia a vosso amor, sem que o suspeite, Ela, recompensando os meus desvelos, O ardor, com que me esmero em agradar-lhe, Carícias maternais comigo exerce : Ela me deu a conhecer um mundo</p>	<p>O emprego, a rapidez da mocidade Eu ignorava, e consumia a vida Em cuidados inúteis; os mais sacros Deveres sem fervor desempenhava; Como um duro senhor, como um tirano, O eterno se oferecia à minha ideia, Sacudindo o trovão, brandindo o raio... Minha religião só era o medo. .....Eu amo: que mudança, que deleite Doura meus puros, meus serenos dias! Quanto vejo Ramiro aformoseia: Quando luz no oriente a fresca aurora Acordam meus desejos amorosos; Quando a noite enegrece os céus, e a terra Nos traz um véu, que é útil aos amores. Nos dias da aprazível Primavera Recônditos abrigos nos oferece Benéfica e risonha, a natureza. Sinto-me renascer, e habito um mundo Brilhante, encantador, de que és adorno Amor, que é obra tua...Oh! doce amante! Que digo?...Menos ásperos e austeros Acho os deveres meus, acho o meu jugo Mais brando e não me pesam tanto os ferros Deus um feroz despota enraivado Me não parece já, depois que te amo.     Quanto devo prezar a ilustre amiga, A benigna matrona, em quem reside Destes vedados muros o domínio ? Ela em obséquio meu o horror lhe adoça. Propícia ao nosso amor, sem que o suspeite, Ela, recompensando os meus desvelos, O ardor, com que me esmero em agradar-lhe, Carícias maternais comigo exerce : Ela me deu a conhecer um mundo</p>
---	--	--

98.M'a fait connaître un monde où j'ai connu Melcour.  
 99. De ces tristes leçons que dicte la rudesse  
 100. Elle ne sut jamais hérisser la sagesse.  
 101. Ah ! sans doute autrefois, son cœur s'est enflammé ;  
 102. Il est trop indulgent pour n'avoir pas aimé  
 103. Tout nous sert, cher Melcour, et tout me justifie ;  
 104. Une ombre favorable enveloppe Euphrasie ;  
 105. Il est un Dieu qui veille aux plaisirs des amants,  
 106. Et ton cœur et le mien sont nos seuls confidents.  
 107. Nous existons pour nous : point de regard perfide  
 108. Qui décèle nos feux et qui les intimide ;  
 109. Ils sont d'autant plus vifs qu'ils sont plus inconnus ;  
 110. La contrainte du cloître est un charme de plus.  
 111. Après quelques instants lorsqu'il faut qu'on se quitte,

112. On sent bien tout le prix d'un bien qu'on perd si vite...  
 113. Non, tu n'as pas conçu tout ce que je te dois,  
 114. Et combien, en secret, j'applaudis à mon choix !  
 115. Je ne te parle point de ces heures charmantes,  
 116. Qui, trop promptes à fuir, me sont toujours présentes ;  
 117. Moments de volupté, qu'on ne peut définir,  
 118. Et qu'on ne décrit point, quand on sait les sentir.  
 119. Une âme bien éprise, et vraiment amoureuse,  
 120. Trouve par ces moments, le secret d'être heureuse,

121. Dans le repos des sens, c'est le cœur qui jouit :

122. Son plaisir dure encore lorsque l'autre est détruit.  
 123. Grâce à mes souvenirs, mon bonheur s'éternise :  
 124. L'amour a des trésors que jamais on n'épuise.  
 125. Melcour est-il absent, j'embrasse avec chaleur  
 126. La douce illusion qui le peint à mon cœur  
 127. Je le nomme cent fois, et son nom seul m'enchanté ;  
 128. L'air qu'il aime le mieux est celui que je chante ;  
 129. Et, fixant sur lui seul mes esprits agités,

Em que vi o que adoro ; ela não se arma  
 Das pesadas Lições do rigorismo.  
 A sisuda prudência...Ah ! Noutro tempo  
 Sem dúvida seu peito ardeu de amores !  
 Se não tivesse amado, assim não fora !  
 Tudo pune por mim, tudo nos vale,  
 A sombra do mistério nos envolve.  
 Há um Deus, que preside ao bem do amante:  
 Teu coração, e o meu só sabem disto:  
 Vivamos para nós, sem recearmos  
 Olhos, a amor fatais, que nos espreitem.  
 Nossos desejos o segredo aviva,  
 E a sujeição ao claustro, é mais um gosto.  
 Quando depois de rápidos instantes  
 Aos fêrvidos colóquios da ternura,  
 Com recíproco adeus convém pôr termo,  
 Se avalia melhor um bem tão breve!  
 Ah! Que não sabes, não quanto te devo!  
 Quanto a minha eleição comigo aprovo!  
 Não falo já de excessos fugitivos,  
 Que no meu pensamento estão parados;  
 Momentos (em que amor, só é delícia)  
 Que se podem sentir, não definir-se.  
 Uma alma, que à paixão não dá descanso,  
 Depois destes momentos deleitosos,  
 Inda de ser feliz acha o segredo.  
 Quando os sentidos meus em ócio jazem,  
 Viva imaginação te vê, te goza;  
 Se o júbilo se extingue, e o teu não morre;  
 Contigo meus prazeres se eternizam:  
 Tesouros tem o amor, que duram sempre!  
 Na ausência do meu bem me aferro à grata,  
 A suave ilusão, que mo afigura.  
 Mil vezes o nomeio; as cantilenas  
 De que se agrada mais profiro, e entoo:  
 E, absorto no meu bem meu pensamento,

Em que vi o que adoro ; ela não arma  
 Das pesadas lições do rigorismo  
 A sisuda prudência. Ah ! Noutro tempo  
 Sem dúvida seu peito ardeu de amores !  
 Se não tivesse amado, assim não fora !  
 Tudo pune por mim, tudo nos vale,  
 A sombra do mistério nos rodeia;  
 Um Deus há, que preside ao bem do amante.  
 Teu coração, e o meu só sabem disto:  
 Vivemos para nós, sem recearmos  
 Olhos, a amor fatais, que nos espreitem.  
 Nossos desejos o segredo aviva,  
 E a sujeição do Claustro, é mais um gosto.  
 Quando depois de rápidos instantes  
 Aos fêrvidos colóquios da ternura  
 Com recíproco adeus convém pôr termo,  
 Se avalia melhor um bem tão breve.  
 Ah! Que não sabes, não, quanto te devo!  
 Quanto a minha eleição comigo aprovo!  
 Não falo já das horas fugitivas,  
 Que no meu pensamento estão paradas;  
 Momentos, em que amor, só é delícia,  
 Que se pode sentir, não definir-se.  
 Uma alma, que à paixão não dá descanso,  
 Depois destes momentos deleitosos,  
 Inda de ser feliz acha o segredo:  
 Quando os sentidos meus em ócio jazem,  
 Viva imaginação, tu vê, tu gozas;  
 Seu júbilo se extingue, e o teu não morre;  
 Contigo meus prazeres se eternizam:  
 Tesouros tem amor, que duram sempre.  
 Na ausência do meu bem me aferro a grata,  
 A suave ilusão, que mo afigura;  
 Mil vezes o nomeio; as cantilenas  
 De que se agrada mais, são as que entoo,  
 E, absorto no meu bem meu pensamento,

<p>130. Mes rêves quelquefois sont plein de vérités...</p> <p>131. Mais que dis -je ? Parais, dissipe ces mensonges,</p> <p>132. Je t'attends ; viens, Melcour, réaliser mes songes.</p> <p>133. C'en est fait, sans réserve Euphrasie est ton bien ;</p> <p>134. L'œil de l'amour est pur et ne profane rien.</p> <p>135. Tu ne m'entendras plus soupirer, ni me plaindre ;</p> <p>136. Hors l'excès de mes feux, tu n'as plus rien à craindre.</p> <p>137. Je le jure au Ciel même et tu peux, cher amant,</p> <p>138. Cesser de m'adorer, si je manque au serment.</p>	<p>Às vezes a ilusão supre a verdade.</p> <p>Mas que digo? Aparece, atende, acode</p> <p>A quem por ti suspira, a quem te implora:</p> <p>Corre; vem realizar meus ledos sonhos:</p> <p>Sem temor, sem reserva, Eufrazia é tua.</p> <p>Olhos de amor, não profanais, sois puros.</p> <p>Oh glória dos mortais, oh glória minha!</p> <p>Nunca mais me ouvirás nem ais, nem queixas.</p> <p>Não tens que recear, senão o excesso</p> <p>Da paixão que me abrasa. Aos céus o juro.</p> <p>Foge dos braços meus, e noutros braços</p> <p>Vai suspirar, meu bem, se eu for perjura.</p>	<p>As vezes a ilusão supre a verdade.</p> <p>Mas que digo? Aparece, atende, acode</p> <p>A quem por ti suspira, a quem te implora;</p> <p>Sim; vem realizar meus ledos sonhos!</p> <p>Sem temor, sem reserva, Eufrásia é tua:</p> <p>Oh glória dos mortais, oh glória minha!</p> <p>Nunca mais me ouvirás nem ais, nem queixas.</p> <p>Não tens que recear senão o excesso</p> <p>Da paixão que me abrasa; aos céus o juro:</p> <p>Foge dos braços meus, e noutros braços</p> <p>Vai suspirar, meu bem, se eu for perjura.</p>
---	--	--